Por Ana Rita R. Petraroli Barreto



Ana Rita R. Petraroli Barretto é advogada e sócia do escritório Petraroli Advogados Associados, Vice-Presidente Institucional da Academia Nacional de Seguros e Previdência (ANSP) e Presidente da AIDA Brasil.

Existe um ponto delicado — quase imperceptível — em que escolhas individuais deixam de ser apenas decisões privadas e passam a carregar potencial sistêmico. É nesse espaço que educação financeira, seguros e previdência se encontram. E, curiosamente, esse mesmo ponto aparece com clareza em duas narrativas aparentemente opostas: Os Delírios de Consumo de Becky Bloom e A Grande Aposta.

À primeira vista, um é leve, quase cômico; o outro, técnico e inquietante. Mas ambos tratam da mesma matéria-prima: comportamento financeiro humano... e suas consequências.

Em Becky Bloom, o problema nasce no nível mais íntimo possível. Consumo impulsivo, negação da realidade, decisões emocionais travestidas de escolhas racionais. Não há crise global, não há mercado colapsando — há apenas uma pessoa tomando pequenas decisões ruins, repetidamente. O que o filme escancara, porém, é o início de tudo: a ausência de educação financeira.

Sem essa base, o indivíduo perde a capacidade de distinguir desejo de necessidade, risco de ilusão, planejamento de improviso. O resultado é previsível. Dívidas se acumulam, o controle se perde e o problema, ainda que individual, começa a transbordar para outras esferas da vida.

Agora, amplie esse comportamento.

A Grande Aposta faz exatamente isso. O que em Becky é pessoal, aqui se torna estrutural. A lógica é a mesma — subestimação de risco, excesso de confiança, incentivos desalinhados —, mas replicada em escala massiva. Instituições inteiras operam como Becky Bloom com acesso ilimitado a crédito: comprando, empacotando e revendendo risco sem compreender — ou ignorando deliberadamente — suas consequências.

O resultado não é mais uma fatura atrasada. É uma crise sistêmica.

E é nesse ponto que chegamos a espinha dorsal da questão.

A educação financeira atua como a primeira barreira. Ela reduz a probabilidade do erro. Ensina que risco existe, que decisões têm consequências cumulativas e que estabilidade não é um acidente — é construção. Becky Bloom sem educação financeira é vulnerável. O sistema financeiro sem educação sobre risco é perigoso.

Mas educação, por si só, não basta.

É aqui que entram seguros e previdência, como uma segunda camada — silenciosa, estrutural. Eles não impedem que erros aconteçam, nem que imprevistos surjam. Mas impedem que esses eventos se multipliquem e escapem ao controle.

Sem esses mecanismos, o que começa como um problema individual tende a se conectar a outros. Dívidas viram inadimplência, inadimplência vira crise de crédito, e, em escala, o sistema inteiro sente o impacto. Foi exatamente esse efeito dominó que A Grande Aposta expôs com precisão desconfortável.

Seguros e previdência funcionam, então, como amortecedores desse processo. Eles absorvem impactos, distribuem riscos e, principalmente, evitam a propagação do erro. Transformam o que poderia ser uma ruptura em um evento administrável.

Mas há um detalhe crucial — e aqui os dois filmes convergem de forma quase didática.

Nenhum sistema de proteção funciona adequadamente quando o comportamento na base é falho.

Becky Bloom, mesmo com acesso a crédito, não tem estrutura para usá-lo. O mercado imobiliário retratado em A Grande Aposta, mesmo com instrumentos sofisticados, falha porque ignora a essência do risco. Em ambos os casos, o problema não é a ausência de mecanismos — é o uso distorcido deles.

No fim, a equação da estabilidade é menos técnica do que parece.

Educação financeira forma o comportamento.

Seguros e previdência estruturam a proteção.

Quando um falha, o outro é pressionado.

Quando ambos falham… o sistema responde.

E talvez essa seja a leitura mais honesta que esses dois filmes oferecem, cada um à sua maneira: crises não começam nos gráficos. Começam em decisões. Pequenas, repetidas, aparentemente inofensivas.

Até que deixam de ser.

(16.04.2026)